



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas. UNIFAL-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas/MG
CEP 37130-000
Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



DANIELE FERREIRA SOARES

YOGA NA ESTAÇÃO:
UMA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

Alfenas/MG
2018

DANIELE FERREIRA SOARES

**YOGA NA ESTAÇÃO:
UMA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÃO**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para a conclusão do Curso de Graduação em
Ciências Sociais (Bacharelado), pela
Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski

Alfenas/MG
2018

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal de Alfenas e, sobretudo, ao curso de Ciências Sociais/Bacharelado por ter possibilitado uma formação que me engrandeceu enquanto cientista e pessoa.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, sobretudo ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski, que me fez enxergar o quão complexo e importante pode ser o pensar antropológico.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa Sociedade e Cultura Contemporâneas, que contribuíram diretamente para meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

Agradeço a todos os laços de amizade que fiz em Alfenas, mas especialmente aos meus queridos Pedro, Lucas e Ylzes.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram em todas minhas escolhas. Por vocês tenho todo amor do mundo!

Apresentação

Quando resolvi fazer o curso de Ciências Sociais almejava, desde minha inserção, ter como tema de pesquisa as manifestações religiosas. Isso devido ao valor que minha família sempre conferiu à esfera do sagrado: haviam aqueles que se caracterizam por católicos, outros enquanto evangélicos e os que se intitulavam como espíritas. Devido a esse pluralismo e ao meu interesse de sempre ouvir e compreender, acabei por ter ainda mais vontade de saber sobre o assunto.

Com ainda muita ingenuidade e com saberes metodológicos para serem adquiridos, pude ingressar (ainda no terceiro período de graduação) no grupo de pesquisa orientado pelo Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski, que sempre enfatizava a importância da pesquisa no âmbito das Ciências Sociais e a necessidade de elaboração de bons projetos. Deste modo, com a colaboração de todos os colegas que integravam o grupo naquele momento, acabei por desenvolver um plano de trabalho que almejava compreender algumas nuances do pensamento do filósofo e historiador das religiões Mircea Eliade, o que veio a se tornar uma Iniciação Científica desenvolvida no período de março de 2017 à fevereiro de 2018, contando com uma bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Pelo fato deste intelectual se propor a fazer um estudo comparado das religiões, pude sanar alguns questionamentos que já carregava comigo desde o início da graduação. Soube mais não só sobre as manifestações religiosas que acima citei, mas sobre tantas outras, como as indianas, por exemplo.

Deste modo, uma das obras mais famosas de Eliade que pude revisar é aquela que possui como título *Yoga: Imortalidade e Liberdade*. Nela, o autor aponta que o yoga seria um dos elementos mais acionados pela cultura indiana, sendo que sua

característica geral seria a busca, por meio de meditação e posturas corporais, de uma realidade transcendente, marcada pelo não condicionamento e liberdade absoluta. A partir destas informações que fui colhendo ao longo da iniciação científica, acabei por obter ainda mais dúvidas: porquê o yoga na nossa sociedade é tão diferente? Se não é religioso, qual seria o motivo das pessoas buscarem o yoga no nosso contexto?

Já caminhando para o fim da graduação e com o objetivo de ingressar em um futuro mestrado, acabei optando por fazer como trabalho de conclusão algo que fosse um desdobramento dessa primeira investigação, agora procurando problematizar justamente esses processos de ressignificação que a prática yóguica foi adquirindo no contexto ocidental. Tal proposta, como ficará claro nas próximas páginas, procura atender as exigências do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Nesta instituição, eles pedem que o projeto tenha no máximo 10 páginas (não entrando na contagem a bibliografia), que seja escrito com fonte Times New Roman 12, espaçamento 2, margens superior e inferior de 2,5cm e margens esquerda e direita 3cm. O projeto deve conter também os seguintes tópicos: 1. resumo (com no máximo 15 linhas e 6 palavras-chave); 2. tema e objeto (neste item deve ser apresentado o tema da pesquisa e a delimitação do objeto a ser pesquisado); 3. o campo de debate (deve ser aqui apresentada a revisão de literatura sobre o tema da pesquisa e a relevância da mesma); 4. o campo da pesquisa (neste item deve ser esclarecido o local onde a pesquisa será realizada, apresentar a metodologia, uma previsão de seu desenvolvimento e os resultados esperados) e, por fim, 5. a bibliografia.

YOGA NA ESTAÇÃO: UMA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

Resumo

A cultura indiana, em toda a sua complexidade, apresenta diversos elementos interessantes de serem pensados, e um deles seria o yoga. Na verdade, este elemento em questão não é apenas mais um entre tantos, mas um dos mais acionados pelos habitantes daquele contexto. Em suma, o yoga (por meio de meditação e certas posturas corporais) possibilita ao indiano alcançar um estado de espírito marcado pelo não condicionamento e liberdade absoluta. Contudo, essa não é a única característica do yoga, posto que outra importante de ser destacada diz respeito à popularidade que ele possui em quase todos os cantos do mundo. O yoga foi se disseminando, ao longo do tempo, para outras culturas, inclusive as sociedades ocidentais. Mas, conforme essa expansão foi ocorrendo, acabou por ser submetido a uma série de ressignificações. Aqui no ocidente é visto ora como esporte, ora como prática espiritual e ora enquanto prática complementar de saúde. Na cidade de São Sebastião do Paraíso/MG, em um lugar denominado Praça da Estação, a prática do yoga é ofertada por dois instrutores gratuitamente e ao ar livre. Em vista disto, a presente proposta visa compreender, por meio de um trabalho etnográfico, o processo de ressignificação do yoga neste contexto em particular.

Palavras-chave: Yoga, cultura indiana, ressignificação, técnicas corporais, etnografia.

2. Tema da pesquisa: A mundialização do yoga.

2.1 Objeto a ser pesquisado:

Um dos elementos chaves da cultura indiana e um dos mais acionados é o yoga. Isso devido a sua função soteriológica, já que indiano procura por meio dessa prática (através de meditações e posturas corporais) atingir um estado de espírito marcado pelo não condicionamento e liberdade absoluta. Em outros termos, almeja-se com a execução de certas técnicas corporais romper com a realidade profana em prol do alcance daquela caracterizada como sagrada. Todavia, a prática não está hoje em dia inserida somente no seu contexto de origem, posto que ao longo da história acabou por encantar outras sociedades e encontrar terreno fértil em quase todos os cantos do mundo.

Contudo, conforme a difusão da prática foi acontecendo para além das fronteiras orientais, ela acabou sendo submetida a uma série de ressignificações. Sendo assim, nas sociedades ocidentais o yoga é visto de diversas formas: ora como prática espiritual, ora enquanto atividade física e ora como atividade complementar de saúde. Na cidade de São Sebastião do Paraíso, localizada no Estado de Minas Gerais, dois instrutores ofertam aulas de yoga gratuitamente em um lugar denominado Praça da Estação. Sendo assim, indagamo-nos: quais seriam os significados atribuídos ao yoga pelos praticantes na Estação?

Para adquirir domínio e autoridade de ensino sobre a prática de yoga, muitas pessoas procuram ir ao território indiano ou conviver com instrutores que já estiveram por lá. Este seria um requisito para se tornar um mestre da prática, podendo, assim, difundi-la. Deste modo, como os instrutores em questão adquiriram tal autoridade? Como os novos significados do yoga são construídos em diálogo – ou não - ao que ele representa no contexto indiano? Outra questão salientada por diversos estudiosos seria a

de que o corpo e as práticas corporais seriam as instâncias mais requisitadas dentro do yoga moderno (ou yoga ocidental). Assim, como o corpo e essas práticas contribuem para a construção de tal sentido?

3. Campo de Debate:

3.1 Revisão de literatura

Falar sobre o yoga é o mesmo que fazer referência a um dos poucos elementos da cultura indiana que conseguiu caminhar por entre distintas sociedades e encontrar terreno fértil em quase todos os cantos do mundo (ALMEIDA, 2003). Na verdade, o yoga não é apenas um elemento daquela cultura, mas sim um dos mais importantes e requisitados. De acordo com o filósofo e historiador das religiões Mircea Eliade (1996) quatro conceitos principais fundamentam o universo indiano, sendo eles o de 1) *Karma*: lei da causalidade que solidariza o homem com o cosmos; 2) *Mayã*: processo misterioso que gera e sustenta o mundo e, deste modo, mantêm-nos apegados a uma existência ilusória; 3) *Nirvãna*: realidade absoluta que está para além da ilusão cósmica; e, por fim o 4) *Yoga*: prática para se atingir o ser em si, a técnica mais eficaz para se chegar ao nirvana ou libertação.

Vemos, a partir de tais informações, que o yoga na Índia é visto enquanto uma ferramenta decisiva para se alcançar o tão almejado estado de *liberdade*. Contudo, este termo possui para os indianos um sentido bastante particular, posto que “libertar-se equivale a impor-se outro modo de existência, apropriar-se de outro modo de ser, transcendendo a condição humana” (ELIADE, 1996, p. 20).

O vocábulo yoga geralmente é utilizado para denominar toda técnica de ascese e todo método de meditação. Todavia, Eliade (1996) evidencia que tais asceses, ao longo da história da Índia, foram valorizadas de maneiras distintas pelas múltiplas correntes de

pensamento existentes naquele contexto. Podemos nos deparar com um tipo de yoga denominado como clássico (sistema filósofo sistematizado por Patañjali), com yogas não-bramânicos (dos budistas e jainistas), aqueles de estrutura mística e outros de estruturas mágicas.

Como vemos, o yoga até mesmo na Índia possui múltiplas facetas e seria uma missão quase impossível tentar exaurir em poucas linhas todas elas e elencar as suas características. Contudo, se quisermos compreender os elementos essenciais da prática, devemos recorrer ao yoga clássico tal como sistematizado pelo estudioso e guru Patañjali (que viveu provavelmente entre os anos 200 a.C. e 400 d.C.), posto que desse sistema podemos depreender a posição do yoga na história do pensamento indiano. Em outras palavras:

De todas as significações que se reveste a palavra yoga na literatura indiana, a mais precisa é a que se liga a “filosofia” (*yoga-darsana*) tal como é exposta sobretudo no tratado de Patañjali, *yoga-sutra* [...]. Entretanto, ele não é o criador da filosofia yoga, da mesma forma como não é, e nem poderia ser, o inventor das técnicas *yóguicas*. Ele mesmo confessa que (*yoga-sutra*, 1, 1) não fez senão compilar e corrigir (*atha yogānusāsanam*) as tradições doutrinárias e técnicas do yoga em torno do material filosófico emprestado do Sāṅkhya (ELIADE, 1996, p.22).

Em regra, o objetivo do Sāṅkhya, bem como do yoga, seria desunir o espírito (*purusa*) da matéria (*prakṛti*). Essas duas correntes de pensamentos se justificam por tentar libertar a humanidade do sofrimento, sendo que este advém justamente da ignorância que nos faz confundir o espírito (o ser em si) com estados psicomentais (sentidos, sentimentos, pensamentos, desejos etc.). Se a Índia rejeita o mundo e a vida tal como se apresentam é porque se acredita que é para além de tudo isso que se localiza a liberdade absoluta (*moksa*). Em outros termos, se o sofrimento existe e perdura é porque a humanidade se solidariza com a realidade profana destituída de todo real valor (ELIADE, 1996). Tendo isto em vista, podemos afirmar que o yoga no território indiano seria um conjunto de técnicas que permitem que a pessoa acesse a realidade sagrada e encontre seu verdadeiro eu.

A partir desta breve exposição, vimos a importância que as técnicas yóguicas possuem para os indianos, e é devido a esta importância e sistematicidade que talvez a prática tenha encantado todo o resto do mundo. Via de regra, o yoga tornou-se popular em várias sociedades ocidentais e, devido a isso, muitos autores não tardaram a tentar desvendar o momento histórico que tornou possível a difusão do yoga para além das fronteiras orientais.

Este é o caso de Nunes (2008), que salienta que a primeira vez que o ocidente teve contato mais incisivo com a prática foi no ano de 1839 na cidade de Chicago. Com intuito de promover um diálogo entre as religiões mundiais, convidou-se para participar de um parlamento grandes líderes de todas as religiões para que falassem a respeito de suas crenças. Na verdade, tal parlamento foi idealizado por diversos estudiosos que procuraram promover o encontro entre oriente-ocidente e, em vista disso, tornaram possível a vinda de representantes religiosos dos territórios da Índia, Sri Lanka e Japão. Em meio a isso, uma das figuras que mais tiveram destaque foi a do guru indiano Swami Vivekananda, que falou em nome do hinduísmo e fez referência à prática do yoga. O fato de o ano de 1839 ser apontado como o momento decisivo do contato do ocidente com o yoga não quer dizer que anteriormente não houvesse nenhum conhecimento sobre a prática, mas sim que foi a partir desta data que a técnica yóguica se popularizou e passou a ser praticada por um número significativo de pessoas, religiosas ou não.

Outra estudiosa do yoga que aponta ser esse um momento importante da apresentação do yoga ao ocidente seria Almeida (2003). Contudo, tal autora nos apresenta a informação adicional de que Vivekananda possuía certos valores que não eram os mesmos de grande parcela da população indiana. A saber, ele fazia parte da corrente neo-hinduísta que procurava ocidentalizar a Índia e também disseminar os

saberes indianos para todos os cantos do mundo. Deste modo, o yoga acabou por ser exposto enquanto um conhecimento técnico bastante sistemático capaz de auxiliar as pessoas na resolução de problemas oriundos da vida moderna. Em outras palavras, o yoga “seria apresentado aos ocidentais de uma forma laica, como um conhecimento prático e corporalizado, utilizado pelo praticante como forma de aperfeiçoamento e de controle pessoal” (ALMEIDA, 2003, p. 58).

Vemos, a partir do que foi exposto por estes dois autores, que conforme a difusão da prática foi ocorrendo para além das fronteiras orientais, ela foi sendo submetida a um processo de ressignificação e passou a ser empregada por razões distintas. Enquanto em quase todo domínio da Índia o yoga é tomado enquanto uma ferramenta corporal/espiritual que possui a função soteriológica de possibilitar ao sujeito o alcance da liberdade, afastando-o do ciclo infinito de reencarnações (*samsara*), o yoga passou aqui a ser encarado preponderantemente enquanto uma tecnologia voltada para o corpo (Le Breton, 2013).

De acordo com Siegel e Barros (2013), um fato que denota claramente que o yoga é utilizado pelas sociedades ocidentais enquanto uma tecnologia capaz de trazer melhorias ao corpo físico dos sujeitos foi o de que, em 2005, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a reconhecer a prática enquanto integrativa/complementar ao âmbito da saúde, haja vista que ela “atua como exercício físico, respiratório e mental; relaxa e contrai os músculos, ocasionando automassagem sobre as glândulas endócrinas” (SIEGEL, Pâmela; BARROS, Nelson, 2013, p. 176).

Contudo, a compreensão dos sentidos atribuídos ao yoga no contexto ocidental se torna mais complexo quando tomamos como referência outros domínios da vida social. De acordo Gnerre (2010) o yoga não se apresenta para nós somente enquanto prática complementar de saúde, posto que se mostra ora como atividade corporal de

relaxamento do stress, ora como um esporte que exige muito de seu praticante e ora como um caminho espiritual.

A partir do que nos diz a autora, seria impossível falar do yoga nas sociedades ocidentais como contendo um sentido único. Assim, só poderíamos compreender a multiplicidade de seus significados se fossem empregadas análises minuciosas de contextos específicos onde a prática é realizada. Para além desta questão, outras duas informações importantes de serem destacadas dizem respeito a 1) característica iniciática que o yoga possui e 2) a importância que o yoga ocidental (ou yoga moderno) atribui ao corpo e às técnicas corporais para se alcançar alguns fins almejados, sejam eles quais forem.

Mircea Eliade (1996) é um dos autores que apontam a importância que a iniciação possui para que os sujeitos possam ser inseridos no universo *yogi*. Deste modo, para além do seu lado prático, o yoga também possui o lado iniciático, posto que “não se aprende yoga sozinho, é necessário a orientação de um mestre (guru)” (ELIADE, 1996, p. 20-21). Todavia, os preceitos deste universo só podem ser transmitidos por alguém que já possua experiência e conteúdo (ideológico e técnico) adquiridos por um largo espaço de tempo. Não se trata somente de querer ensinar, é necessária uma formação para tanto. Nunes (2008) salienta que para adquirir essa “autoridade” de ensino muitas pessoas buscam ir até a Índia ou ter aulas com instrutores que já estiveram por lá a fim de adquirirem conhecimento e maturidade exigidos.

Já sobre a segunda informação levantada acima, é Tales Nunes (2008) que assinala o quanto o corpo e as posturas corporais são requisitados no universo do yoga moderno. Ele enfatiza que a prática passou a assumir sua forma secularizada quando adentrou no ocidente, visto que nossa sociedade estava passando pelo longo e ininterrupto processo de desencantamento do mundo (PIERUCCI, 2013). Isso não quer

dizer que os preceitos religiosos de explicação do mundo deixaram de existir, mas sim que eles passaram a competir com outras categorias explicativas, as científicas por exemplo. Mircea Eliade (2010) falando também sobre este processo e sendo um pouco mais radical que Weber, salienta que o homem ocidental moderno assumiu um modo de existência secular, onde o sagrado não seria mais articulado para se justificar o mundo e a vida. Esse processo histórico foi elencado aqui porque ele nos permite entender a forma que o yoga passou a assumir no nosso contexto.

Deste modo, em uma sociedade onde os preceitos religiosos passaram a ser questionados e a competir com outras justificações de mundo, o yoga passou a ser tomado não mais exclusivamente enquanto uma alternativa de se alcançar uma realidade sagrada marcada pelo estado de libertação (como é no caso indiano) Aqui, de acordo com Nunes (2008) ele tomaria sua forma moderna justamente porque as posturas corporais (asanas) passaram a ser demandadas majoritariamente em prol do melhor condicionamento físico dos indivíduos. A vertente do yoga mais conhecida por nós seria o *Hatha*, onde as posturas são a etapa mais requisitada da prática.

Tendo em vista o que foi dito pelos diversos autores aqui trazidos, várias outras questões nos surgem: como os instrutores de yoga adquirem “autoridade” de ensino e como essa tal autoridade repercute na forma como os sentidos são construídos? Já que a ida à Índia ou o contato com os instrutores que lá estiveram são as condições colocadas para se atingir essa autoridade, como funciona o diálogo entre o que representa o yoga no contexto oriental e o que ele representa para nós? Será mesmo que certos pressupostos tradicionais da prática são deixados de lado? E, por fim, mas não menos importante, como as técnicas corporais - tão acionadas pelas sociedades ocidentais - são articuladas em prol da construção de sentido ao yoga?

3.2 Relevância da Pesquisa

Diante do mundo destituído de sentido intrínseco, o homem procura dotar sua existência e tudo o que o circunda com significados que possibilitem uma orientação. A religião, sendo um fenômeno cultural extremamente difundido e praticado por diversas sociedades, é um dos principais meios pelos quais modelos explicativos são elaborados para que o problema da falta de sentido seja enfrentado. Tradicionalmente a prática do Yoga possui um caráter religioso e por meio dela os sujeitos buscam se conectar com o sagrado e o transcendente. Não obstante, ao longo da história ela foi sendo incorporada por culturas diversas e, devido a isto, recebeu novos sentidos e significados. Posto que tal prática é largamente difundida pelo mundo – bem como no Brasil - e que os estudos que já foram realizados sobre ela são em grande medida ligados às ciências da saúde (onde se procura ensinar como executar os exercícios prescritos pelo yoga e ressaltar os benefícios dos mesmos), seria interessante um estudo de caráter antropológico que procurasse compreender a motivação das pessoas em buscarem a prática, quais os significados atribuídos a ela (se são religiosos, ligados a saúde, etc.) e suas implicações sociais.

4. Campo de Pesquisa

4.1 Lugar onde pretende-se realizar a pesquisa

Pretende-se realizar a pesquisa na cidade de São Sebastião do Paraíso, localizada no interior do Estado de Minas Gerais e com estimativa populacional de 70 mil habitantes, segundo dados do IBGE/2010. Mais especificamente, a investigação se centrará em um lugar denominado Praça da Estação, posto que é neste ambiente que a prática de yoga é ofertada ao ar livre por dois instrutores (todos os sábados das 7 às 10 horas da manhã).

4.2 Metodologia a ser adotada

Pretende-se, tal como destacado por Clifford Geertz (2015), lançar mão de uma pesquisa que tenha a etnografia como suporte principal, posto que é por meio dela que podemos adentrar em universos estranhos e, através de entrevistas, conversas informais, observação de rituais etc., fazer “leituras” e construir inteligibilidades sobre contextos específicos. Sendo assim, almeja-se que haja uma total inserção da pesquisadora no meio proposto, posto que somente o contato e convivência com o “outro” pode fazer com que os antropólogos mergulhem em universos específicos do contexto social e conheça de fato seus fundamentos.

4.3 Previsão de desenvolvimento

Pretende-se que a pesquisa como um todo tenha uma duração aproximada de dois anos, conforme as exigências do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Nos primeiros seis meses, pretende-se que haja uma dedicação total as disciplinas exigidas pelo programa. Nos próximos seis meses e com uma maturidade maior da pesquisadora com formas mais precisas de trabalho e um conhecimento mais preciso sobre a antropologia urbana, almeja-se que haja uma convergência entre ida à campo (que ocorrerá aos fins de semana) e o término das disciplinas obrigatórias. No segundo ano de desenvolvimento da pesquisa, os esforços se voltarão exclusivamente para a etnografia do campo escolhido, assim como a sistematização do material coletado e a finalização, nos seis meses finais, da redação do trabalho de conclusão (que terá o formato de dissertação).

4.4 Resultados esperados

Os resultados esperados situam-se basicamente em dois campos. Por um lado, espera-se compreender, em uma cidade pequena do Estado de Minas Gerais, os processos de ressignificação da prática do yoga. Pretendemos, com essas informações, avançar na análise dos resultados e, deste modo, dar sequência a pesquisa em um possível doutorado. Por outro lado, espera-se que a pesquisadora desenvolva seu senso crítico para a análise de dados, sua perspicácia para a investigação científica e sua capacidade para correlacionar teoria e empiria.

5. Bibliografia

ALMEIDA, Joana Raquel. **O Oriente que há em nós. O Centro Nori: um estudo de caso da prática de yoga em Portugal.** 2003. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: essência das religiões.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. **Yoga: Imortalidade e Liberdade.** São Paulo: Palas Athena, 1996.

FERNANDES Edrisi; ROCHA, Vera Lúcia da. A imagem do yoga como terapia e como ginástica: uma construção ocidental. **Artigos Vivência**, p. 311-326, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GNERRE, Maria Lúcia. **Identidades e paradoxos do Yoga no Brasil: caminho espiritual, prática de relaxamento ou atividade física?** Fronteira: Dourados, MS, 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NUNES, Tales. **Yoga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência. O significado da experiência corporal em praticantes de Yoga.** 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber.** São Paulo: Editora 34, 2013

SIEGEL, Pamela; BARROS, Nelson. Yoga, saúde e religião. **Último Andar [21] – Revista Unicamp**, março de 2013.